

CRÔNICAS PARA EXEMPLIFICAR

As oito primeiras crônicas foram retiradas do livro: SANTOS, Joaquim Ferreira dos. (org.) *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

1. Machado de Assis (período 1850-1920): “O nascimento da crônica” (p. 27-28)

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se num suspiro a Petrópolis, e *la glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimira; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naípe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

Observações:

Crônica iniciada com uma proposta metalinguística a partir de um aspecto mínimo, provavelmente discutido naquele momento da sociedade – o calor que estão sentindo os cariocas.

Tem dois momentos: (a) o da reflexão metalinguística e bem-humorada sobre a possível origem da crônica e (b) o da ampliação e aprofundamento da reflexão sobre a sociedade, partindo do calor para a “inveja” pela vida alheia e chegando à crítica social – situação dos trabalhadores braçais.

Apresente tese sobre a valorização da felicidade alheia, concluindo no final sobre a falácia desse pensamento a partir da exemplificação.

Linguagem direta, coloquial, proximidade com o leitor (interlocução direta com ele). Narração em primeira pessoa.

2. Alcântara Machado (período: 1920-1950) “Genialidade brasileira” (p. 72-73)

Confusão. Sempre confusão. Espírito crítico de antologia universal. Lado a lado todas as épocas, todas as escolas, todos os matizes. Tudo embrulhado. Tudo errado. E tudo bom. Tudo ótimo. Tudo genial.

Olhem a mania nacional de classificar palavreado de literatura. Tem adjetivos sonoros? É literatura. Os períodos rolam bonito? Literatura. O final é pomposo? Literatura, nem se discute. Tem asneiras? Tem. Muitas? Santo Deus. Mas são grandiloquentes? Se são. Pois então é literatura e da melhor. Quer dizer alguma coisa? Nada. Rima, porém? Rima. Logo é literatura.

O Brasil é o único país de existência geograficamente provada em que não ser literato é inferioridade. Toda gente se sente no dever indeclinável de fazer literatura. Ao menos uma vez ao ano e para gasto doméstico. E toda gente pensa que fazer literatura é falar ou escrever bonito. Bonito entre nós às vezes é fazer difícil. Às vezes tolo. Quase sempre eloquente.

O cavalheiro que encerra a sua oração com um Na antiga Roma ou como disse Barroso Na célebre batalha é orador. Orador, só? Não. Orador de gênio. O cavalheiro que termina o seu soneto com um Ó sol! É raio! Ó luz! Ó nume! Ó astro! É poeta. Também genial. E assim por diante.

Só a gente se agarrando com Nossa Senhora Aparecida.

Essa falsa noção da genialidade brasileira é a mesma do Brasil, primeiro país do mundo. Não há cidadão perdido em São Luiz do Paraitinga ou São João do Rio do Peixe que não esteja convencido disso. E porque o Brasil é o campeão do universo e o brasileiro o batuta da terra, tudo quanto aqui nasce e existe há de ser forçosamente o que há de melhor neste mundo de Cristo e de nós também. Todos os adjetivos arrebatados e apoteóticos são poucos para tamanha grandeza e tamanha lindeza. Ninguém pode conosco. Nós somos os cueras mesmo.

Qualquer coisinha assume aos nossos olhos de mestiços tropicais proporções magníficas, assustadoras, insuperáveis, nunca vistas. O Brasil é o mundo. O resto é bobagem. Castro Alves bate Vitor Hugo na curva. O problema da circulação de São Paulo absorve todas as atenções estudiosas. Sem nós a Sociedade das Nações dá em droga. Vocês vão ver. Wagner é canja para Carlos Gomes. Em Berlim como em Sydney, em Leningrado como em Nagasaki só temos admiradores invejosos. O universo inteiro nos contempla. Êta nós!

É por isso que seria excelente de vez em quando uma cartinha como aquela de Remy de Gourmont a Figueiredo Pimentel. Um pouco de água gelada na fervura auriverde. Para que o trouxa brasileiro caia na realidade. E deixe-se dessa história de gênio, grandeza, importância e riquezas incomparáveis que é bobagem.

E não é verdade.

Observações:

Uso de frases nominais breves, quase justapostas no início: agilidade.

Início com proposta metalinguística: discussão sobre o conceito de literatura entre o senso comum dos brasileiros.

Utilização de um simulacro de diálogo indireto: coloquialidade, aproximação ao leitor, traço de oralidade.

Traços de modernidade, próprio da época (crônicas do período dos anos 1920 a 1950): crítica à linguagem rebuscada e pomposa.

Aproximação ao leitor: uso de “nós” (cronista se incluindo entre os brasileiros, o que também deixa sua crítica menos “antipática”), uso de “a gente”, referência à Nossa Senhora Aparecida, de devoção de muitos brasileiros; uso da expressão “êta nós!”

Presença de humor pelo exagero e exemplificação caricata.

Discussão da tese sobre a veracidade da genialidade brasileira, concluída como negativa ao final.

Presença de uma referência datada, que depende de conhecimento da época para contextualização, mas pode ter o significado inferido com base no contexto: “cartinha (...) de Remy Gourmont a Figueiredo Pimentel” O próprio uso do diminutivo reforça a ironia e contribui para a conclusão apoiada pela expressão subsequente “Um pouco de água na fervura auriverde.”

3. Luís Martins (período anos 1950): “Tragédia concretista” (p. 132-133)

O poeta concretista acordou inspirado. Sonhara a noite toda com a namorada. E pensou: lábio, lábia. O lábio em que pensou era o da namorada, a lábia era a própria. Em todo o caso, na pior das hipóteses, já tinha um bom começo de poema. Todavia, cada vez mais obcecado pela lembrança daqueles lábios, achou que podia aproveitar a sua lábia e, provisoriamente desinteressado da poesia pura, resolveu telefonar à criatura amada, na esperança de maiores intimidades e vantagens. Até os poetas concretistas podem ser homens práticos.

Como, porém, transmitir a mensagem amorosa em termos vulgares, de toda a gente, se era um poeta concretista e nisso justamente residia (segundo julgava) todo o seu prestígio aos olhos das moças? Tinha de fazer um poema, A moça chamava-se Ema, era fácil. Discou. Assim que ouviu, do outro lado da linha, o “alô” sonolento do objeto amado, foi logo disparando:

- Ema. Amo. Amas?
- Como? — surpreendeu-se a jovem. — Quem fala?
- Falo. Falas. Falemos.

A pequena, julgando-se vítima de um “trote”, ficou por conta e, como era muito bem-educada (essas meninas de hoje!), desligou violentamente, não sem antes de perpetrar, sem querer, um precioso “hai-kai” concretista:

- Basta, besta!

O poeta ficou fulminado. Não podia, não podia compreender. Sofreu, que também os concretistas sofrem; estava realmente apaixonado, que também os concretistas se apaixonam, quando são jovens – e todo poeta concretista é jovem. Não tinha lábia. Não teria os lábios. Por que não viajar para a Líbia? Desaparecer, sumir... Sentia-se profundamente desgraçado, inútil. Um triste. Um traste.

O consolo possível era a poesia. Sentou-se e escreveu:

“Bela. Bola. Bala.”

O que, traduzido em vulgar, vem a dar nesta banalidade: “A minha bela, não me dá bola. Isso acaba em bala.”

Não acabou, naturalmente. Tomou uma bebedeira e tratou de arranjar outra namorada, a quem dedicou um soneto parnasiano. Foi a conta. Casaram-se e são muito falazes... oh! Perdão: felizes.

Observações:

Um exemplo de crônica conto: parte de uma história sobre um poeta concretista para criticar (opinião do cronista), de forma indireta, a escrita literária tanto concretista quanto parnasiana (os exageros feitos em seu nome) e o comportamento social de pessoas daquela sociedade – tanto o poeta quanto as namoradas.

Uso de elementos de escrita poética: aliterações.

Presença de humor: em especial no final, com a situação risível que se apresentou.

Linguagem coloquial.

Narração em terceira pessoa.

Possível referência externa à história, cabível se pensarmos na época da crônica (período dos anos 1950) ao filme “Os brutos também amam”, de 1953, em “também os concretistas sofrem”; “também os concretistas se apaixonam”

4. Elsie Lessa (período anos 1960): “Gente” (p.157-158)

De repente, escolhemos a vida de alguém. Era essa que a gente queria. Naquela casa grande e branca, na rua quieta, na cidade pequena. Sim, estamos trocando tudo. Era ela que a gente queria ser, aquela serenidade atrás dos olhos claros, aquela bondade que se estende aos bichos e às coisas, tão simplesmente. E aquela mansa alegria de viver, aquele risonho voto de confiança na vida, aquela promissória em branco contra o futuro, descontada cada dia, miudamente, a plantar flores, a brunir a casa, a aconchegar os bichos.

Era naquele porto que a gente gostaria de colher as velas, trocar a ansiedade, a inquietação, a angústia latente e sem remédio, o medo múltiplo e cósmico, todas as interrogações, por aquela paz. Acordar de manhã, depois de dormir de noite, achando que vale a pena, que paga, que compensa botar os dois pés entusiasmados no chão. Abrir as bandeiras das venezianas para que o sol entre, com o gesto de quem abre o coração. Qual é o hormônio, o destilado por que glândula, que dá a uma mulher o gosto de engomar, tão alvamente, a sua toalha bordada para a bandeja do café? Há uma batalha bem ganha, cotidianamente renovada, contra o pó e a traça e a ferrugem, que tudo consomem. Dentro dos muros da sua cidadela, as flores viçam, a poeira foge, nada vence o alvo imaculado das cortinhas, os cães vadios acham lar e dono. E é esse um modo singelo mais difícil de ter fé. Cada bibelô tem uma história, diante de cada retrato há um vaso de flor, para cada bicho há um gesto de carinho.

“Mulher virtuosa, quem a achará? Porque o seu valor excede ao de muitos rubis” – cansei eu de ouvir, na escola dominical, e olho em torno a indagar quantos e que orientais rubis pagarão aquele miúdo, enternecido carinho, que pôs flores nos vasos e cera no chão e transparência nos vidros e ouro líquido no chá. Oh, a perdida paz fazendeira deste chá no meio da tarde, que as mulheres do meu tempo já não sabem o que seja, misturado a este morno cheiro de bolo e torradas que vem da cozinha! Somos uma geração que come em pé, que trocou os doces ritos que cercavam o nobre ato de alimentar-se, por uma apressada ingestão de calorias. Já não comemos, abastecemos-nos com um veículo, como um automóvel encostado à sua bomba. Trocamos as velhas salas de jantar por mesas de abas, que se improvisam, às pressas, de um consolo exíguo encostado a uma parede. E o que sabe de um lar uma criança que não foi chamada, na doçura da tarde, do fundo de um quintal, para interromper as correrias, lavar mal-e-mal as mãos e vir sentar-se à mesa posta para o lanche, com mansas senhoras gordas que vieram visitar a mamãe? É a hora dos quitutes, das ingênuas vaidades doceiras, da exibição das velhas receias, copiadas em letra bonita de um caderno ornado de cromos.

Somos a geração que perdeu o privilégio de não fazer nada, aquele doce não-fazer-nada que é a mansa hora e repouso, o embalo da rede na frescura de uma varanda. A quietude ensolarada de um pomar em que o sono da tarde nos pegou de repente, a hora de armar brinquedos para as crianças, das visitas que chegam sem se fazer anunciar, pois na certa estaremos em casa para uma conversa despreocupada e sem objetivo. Somos uma geração de mulheres que saem demais de casa, para trabalhar ou para se divertir, e perde metade da vida indo ou vindo para não se sabe onde, fazendo fila para comprar, tomar condução ou assistir a um cinema. Perdemos o abençoado tempo de perder tempo, de não fazer nada, a única hora em que a gente se sente viver. O mais é canseira e aflição de espírito.

E foi tudo isso que reencontrei, de repente, na casa grande e branca da rua quieta.

Observações:

A condução do tema pode chocar as mulheres atuais, considerando uma defesa à dona de casa, à vida doméstica, com crítica à mulher que trabalha e vive uma vida asoberbada. Mas, primeiro, o contexto da crônica são os anos 1960 e, segundo, a temática inicial se desenvolve para um patamar mais universal ao refletir sobre as perdas que a vida moderna de trabalho impõem: tranquilidade, paz, convívio com família e amigos, brincadeiras, e, sobretudo, o tempo para perder tempo.

Crônica com estrutura circular: inicia na casa branca e termina nela.

O “gente” do título leva a uma generalização, tornando o tema mais universal, abarcando toda a geração, embora fique mais centrada nas mulheres.

Uso da primeira pessoa do plural (nós genérico, no qual pode se incluir a cronista). Encerra com a primeira pessoa do singular. Conclusão resume as sensações e reflexões da cronista, resgatando a visão que abre a crônica.

Fica muito clara a ideia de crônica como captação de um instantâneo que se abre a aspectos mais amplos e complexos. Presença de uma referência bíblica – resgate da infância.

5. Clarice Lispector (período anos 1970): “Medo da eternidade” (p. 223-224)

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade. Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

— Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

— Como não acaba? — Parei um instante na rua, perplexa.

— Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual já começara a me dar conta. Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

— E agora que é que eu faço? — Perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

— Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários.

Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminháamo-nos para a escola.

— Acabou-se o docinho. E agora?

— Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

— Olha só o que me aconteceu! — Disse eu em fingidos espanto e tristeza. — Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

— Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra na boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

Observações:

Crônica de memória que resgata um episódio da infância para discutir um tema bem mais árido e profundo, o medo da eternidade (presente no título).

Narração em primeira pessoa.

Uso do diálogo para dar agilidade, leveza e humor a um tema complexo.

Parte do particular para o geral (do episódio do chiclete para a reflexão sobre a eternidade e, por paralelismo, sobre a finitude também.)

6. Moacyr Scliar (período anos 1960): “A noite em que os hotéis estavam cheios” (p. 248-249)

O casal chegou à cidade tarde da noite. Estavam cansados da viagem; ela, grávida, não se sentia bem. Foram procurar um lugar onde passar a noite. Hotel, hospedaria, qualquer coisa serviria, desde que não fosse muito caro.

Não seria fácil, como eles logo descobriram. No primeiro hotel o gerente, homem de maus modos, foi logo dizendo que não havia lugar. No segundo, o encarregado da portaria olhou com desconfiança o casal e resolveu pedir documentos. O homem disse que não tinha, na pressa da viagem esquecera os documentos.

— E como pretende o senhor conseguir um lugar num hotel, se não tem documentos? — disse o encarregado. — Eu nem sei se o senhor vai pagar a conta ou não!

O viajante não disse nada. Tomou a esposa pelo braço e seguiu adiante. No terceiro hotel também não havia vaga. No quarto — que era mais uma modesta hospedaria — havia, mas o dono desconfiou do casal e resolveu dizer que o estabelecimento estava lotado. Contudo, para não ficar mal, resolveu dar uma desculpa:

— O senhor vê, se o governo nos desse incentivos, como dão para os grandes hotéis, eu já teria feito uma reforma aqui. Poderia até receber delegações estrangeiras. Mas até hoje não consegui nada. Se eu conhecesse alguém influente... O senhor não conhece ninguém nas altas esferas?

O viajante hesitou, depois disse que sim, que talvez conhecesse alguém nas altas esferas.

— Pois então — disse o dono da hospedaria — fale para esse seu conhecido da minha hospedaria. Assim, da próxima vez que o senhor vier, talvez já possa lhe dar um quarto de primeira classe, com banho e tudo.

O viajante agradeceu, lamentando apenas que seu problema fosse mais urgente: precisava de um quarto para aquela noite. Foi adiante.

No hotel seguinte, quase tiveram êxito. O gerente estava esperando um casal de conhecidos artistas, que viajavam incógnitos. Quando os viajantes apareceram, pensou que fossem os hóspedes que aguardava e disse que sim, que o quarto já estava pronto. Ainda fez um elogio: — O disfarce está muito bom. Que disfarce? Perguntou o viajante. Essas roupas velhas que vocês estão usando, disse o gerente. Isso não é disfarce, disse o homem, são as roupas que nós temos. O gerente aí percebeu o engano:

— Sinto muito — desculpou-se. — Eu pensei que tinha um quarto vago, mas parece que já foi ocupado.

O casal foi adiante. No hotel seguinte, também não havia vaga, e o gerente era metido a engraçado. Ali perto havia uma manjedoura, disse, por que não se hospedavam lá? Não seria muito confortável, mas em compensação não pagariam diária. Para surpresa dele, o viajante achou a ideia boa, e até agradeceu. Saíram.

Não demorou muito, apareceram os três Reis Magos, perguntando por um casal de forasteiros. E foi aí que o gerente começou a achar que talvez tivesse perdido os hóspedes mais importantes já chegados a Belém de Nazaré.

Observações:

Crônica de efeméride (aborda o Natal), mas usando muita criatividade para abordar indireta e criativamente a data. Tem caráter híbrido, por utiliza um conto para enfocar a efeméride. Mas, no final, deixa a indicação da opinião do cronista sobre a situação enfocada. Escolheu abordar a rejeição, o preconceito, ao invés da festa, dos presentes, do lado religioso ou folclórico da data.

Narração em terceira pessoa, presença de diálogos e linguagem coloquial.

Uso de elementos reconhecíveis da data (como a manjedoura) para antecipar o tema, confirmado ao final pela referência aos Reis Magos e a Belém.

7. Otto Lara Resende (período anos 1990): “O pastel e a crise” (p. 263-264)

Quando a crise convida ao pessimismo ou ameaça descambar na depressão, está na hora de ler. Poesia ou prosa, tanto faz. A partir de certa altura, bom mesmo é reler. Reler sobretudo o que nunca se leu, como repeti outro dia a um amigo que não é chegado à leitura. Ele mergulhou no Proust sem escafandro e se sente mal quando vem à tona e respira o ar poluído aqui de fora.

Verdadeiro sábio era o Rubem Braga. Tinha com a vida uma relação direta, sem intermediação intelectual. Houvesse o que houvesse, trazia no coração uma medida de equilíbrio que era um dom de nascença, mas era também fruto do aprendizado que só a experiência dá. No pequeno mundo do cotidiano, sabia como ninguém identificar as boas coisas da vida. E assim viveu até o último instante.

Certa vez, no auge de uma crise, crivada de discursos e de diagnósticos, o Rubem estava de olho nas frutas da estação. Madrugador, cedinho já sabia das coisas. Quando o largo horizonte nacional andava borrascoso, ele se punha a par das nuvens negras, mas não mantinha o olhar fixo no pé-direito alto da crise. Baixava o olhar ao rodapé, pois o sabor do Brasil está também no rés do chão. Num dia de greve geral, inquietações no ar, tudo fechado, o Rubem me telefonou: "Vamos ao Bar Luiz, na rua da Carioca? Vamos ver a crise de perto".

E lá fomos. O bar estava aberto e o chope, esplêndido. Começamos por um preto duplo, que a sede era forte. Depois mais um, agora louro. E outro. Claro que não faltou o salsichão com bastante mostarda. Calados, mas vorazes, cumpríamos um rito. Alguém por perto disse que a Vila Militar tinha descido com os tanques. Saímos dali e fomos a um sebo. O Rubem comprou Xanã, do Carlos Lacerda, com dedicatória. Depois pegamos o carro e voltamos pelo aterro, onde se pode exercer o direito da livre eructação. Tinha sido um perfeito programa cultural. E sem nenhum incentivo do governo.

Vi agora na televisão que o maracujá está em baixa e me lembrei do velho Braga. Nem tudo está perdido. Fui à feira e comprei também dois suculentos abacaxis. Caem bem nesta hora de atribulação nacional. Só falta agora descobrir um bom pastel de palmito na Zona Norte. Se o Rubem estivesse aí, lá iríamos nós atrás da deleitosa descoberta. Depois, de cabeça erguida, enfrentaríamos a crise e até o caos.

Observações:

Refere-se a uma crise presente por meio da lembrança de uma crise anterior, passada, não plenamente explicitada.

Faz uma homenagem a Rubem Braga, um dos grandes nomes da crônica brasileira.

Começa fazendo uma referência à crise, com a tese de que é bom ler para livrar-se da depressão: convite à leitura da crônica que se apresenta ao leitor? Aspecto metadiscursivo? Fecha a crônica com certa circularidade, retomando a ideia de crise e de que deve ser enfrentada com leveza, com saídas criativas de viver.

Discussão de uma crise do momento da escrita por analogia a uma crise passada, com soluções bem-humoradas e inusitadas. Assim como a crônica e sua linguagem se compõem ao rés do chão, o enfrentamento da crise também deve seguir a mesma lógica.

Narração em primeira pessoa, humor delicado.

8. Ricardo Freire (período anos 2000): “Para você estar passando adiante” (p. 329-330)

Este artigo foi feito especialmente para que você possa estar recortando e possa estar deixando discretamente sobre a mesa de alguém que não consiga estar falando sem estar espalhando essa praga terrível da comunicação moderna, o gerundismo.

Você pode também estar passando por fax, estar mandando pelo correio ou estar enviando pela internet. O importante é estar garantindo que a pessoa em questão vá estar recebendo esta mensagem, de modo que ela possa estar lendo e, quem sabe, consiga até mesmo estar se dando conta da maneira como tudo o que ela costuma estar falando deve estar soando nos ouvidos de quem precisa estar escutando.

Sinta-se livre para estar fazendo tantas cópias quantas você vá estar achando necessárias, de modo a estar atingindo o maior número de pessoas infectadas por esta epidemia de transmissão oral.

Mais do que estar repreendendo ou estar caçoando, o objetivo deste movimento é estar fazendo com que esteja caindo a ficha das pessoas que costumam estar falando desse jeito sem estar percebendo.

Nós temos que estar nos unindo para estar mostrando a nossos interlocutores que, sim, pode estar existindo uma maneira de estar aprendendo a estar parando de estar falando desse jeito.

Até porque, caso contrário, todos nós vamos estar sendo obrigados a estar emigrando para algum lugar onde não vão estar nos obrigando a estar ouvindo frases assim o dia inteirinho.

Sinceramente: nossa paciência está ficando a ponto de estar estourando. O próximo "Eu vou estar transferindo a sua ligação" que eu vá estar ouvindo pode estar provocando alguma reação violenta da minha parte. Eu não vou estar me responsabilizando pelos meus atos.

As pessoas precisam estar entendendo a maneira como esse vício maldito conseguiu estar entrando na linguagem do dia-a-dia.

Tudo começou a estar acontecendo quando alguém precisou estar traduzindo manuais de atendimento por *telemarketing*. Daí a estar pensando que "*We'll be sending it tomorrow*" possa estar tendo o mesmo significado que "Nós vamos estar mandando isso amanhã" acabou por estar sendo só um passo.

Pouco a pouco a coisa deixou de estar acontecendo apenas no âmbito dos atendentes de *telemarketing* para estar ganhando os escritórios. Todo mundo passou a estar marcando reuniões, a estar considerando pedidos e a estar retornando ligações.

A gravidade da situação só começou a estar se evidenciando quando o diálogo mais coloquial demonstrou estar sendo invadido inapelavelmente pelo gerundismo.

A primeira pessoa que inventou de estar falando "Eu vou tá pensando no seu caso" sem querer acabou por estar escancarando uma porta para essa infelicidade linguística estar se instalando nas ruas e estar entrando em nossas vidas.

Você certamente já deve ter estado estando a estar ouvindo coisas como "O que cê vai tá fazendo domingo?" ou "Quando que cê vai tá viajando pra praia?", ou "Me espera, que eu vou tá te ligando assim que eu chegar em casa".

Deus. O que a gente pode tá fazendo pra que as pessoas tejam entendendo o que esse negócio pode tá provocando no cérebro das novas gerações?

A única solução vai estar sendo submeter o gerundismo à mesma campanha de desmoralização à qual precisaram estar sendo expostos seus coleguinhas contagiosos, como o "a nível de", o "enquanto", o "pra se ter uma idéia" e outros menos votados.

A nível de linguagem, enquanto pessoa, o que você acha de tá insistindo em tá falando desse jeito?

Observações:

Exemplo de crônica artigo, com uma tese e argumentos para defendê-la, mas em tom coloquial, sem atitude doutoral. Embora sem a estrutura formal de diálogo, o texto dialoga com o leitor.

Aspecto forte na crônica: jogo linguístico – crítica ao gerundismo utilizando essa estrutura para saturar “os ouvidos” do leitor e satirizar esse uso. Efeito cacofônico.

9. Rubem Penz (Crônicas de Botequim) (anos 1920): “Operação Cenoura exposta” (Disponível em: <https://rubempenz.net/2024/03/26/operacao-cenoura-exposta/> Publicado em março de 2024. Consultado em 16/03/2025)

- Senhor coelho, é de voz corrente, e o conjunto probatório indica com clareza, ser você o responsável tanto pela existência quanto pela ocultação do ninho de páscoa. O que o senhor tem a nos dizer sobre o fato?
- Falácia. Nunca houve uma só pessoa a ter-me visto perto deste ou de qualquer ninho.
- Sendo assim, o que o senhor me diz das marcas de patinhas colhidas na cena?
- Foram forjadas por aqueles que tentam me implicar.
- Sua certeza só faz crescer as suspeitas de envolvimento direto. Seria você uma cenoura do sistema?
- Você quis dizer “laranja”?
- Anote nos autos: o investigado assume sua culpa por associação cromática. Por mim já podemos concluir o depoimento e dar por encerradas as investigações.
- Espere! Eu sei quem financiou e quem preparou o ninho.
- Bom, então diga seus nomes.
- Não posso. Ocupam os mais altos cargos de confiança. Além disso, se eu disser quem armou tudo, haverá um assassinato.
- O senhor tem medo de morrer? Podemos dar-lhe garantias.
- Não temo por mim. Temo pela inocência. Se revelo tudo o que sei, ela morre.
- Bom, isso muda as coisas...
- Posso ir, então?
- Pode. O senhor nos desculpe pelo incômodo.

X – X – X

- Delegado, o que o senhor tem a nos dizer sobre a Operação Cenoura Exposta após o depoimento do coelho?
- Foram confirmadas nossas crenças com relação ao fato, mas não há e nunca houve testemunhas. As provas também são frágeis. O caso está encerrado.
- Há rumores de gente graúda por detrás deste e de outros episódios, por exemplo os acontecidos em dezembro. Alguns afirmam que absolutamente todos sabem quem estaria movendo as cordas deste teatro de fantoches. Pior: sempre souberam. O senhor confirma ou nega?
- Nem confirmo nem nego. Tudo o que faço é preservar viva a inocência. Fim da coletiva.
- Não seria manter viva a hipocrisia, senhor delegado? Hein? Por favor, responda! Responda!

Observações:

Exemplo de crônica mimética: mimetiza dois gêneros – o interrogatório numa acareação (depoimento) e uma coletiva à imprensa (inclusive com os famosos cortes ao final por parte das autoridades que não desejam dar maiores informações).

Também é uma crônica de efeméride, pois aborda de modo inusitado e criativo a data da Páscoa.

Uso de diálogo em toda a crônica, devido aos gêneros escolhidos – foco narrativo em segunda pessoa.

Presença de humor

Utilização de linguagem coloquial.